



Nota de Imprensa

Conjuntura de Julho/2003

Ideias-chave:

- i) desagravamento das expectativas não confirmado por indicadores quantitativos,**
- ii) o ajustamento far-se-á pela redução do emprego e dos preços,**
- iii) actual tendência para a para redução dos preços acentuará com a introdução do IVA na habitação.**

Em conformidade com o Inquérito Mensal à Construção da AICCOPN, relativo ao mês de Julho, constata-se haver uma ligeira tendência de desagravamento das condições gerais do mercado. Nesse mês, o Indicador Global de Conjuntura¹ recuperou 0.9 pontos percentuais, situando-se em -29.7%. De novo, foram as empresas de maior dimensão aquelas com pior *performance*, com um indicador de -31.4%, apesar de tudo recuperando 1.5 pontos percentuais relativamente ao mês de Junho.

Este comportamento foi fruto da evolução da actividade das empresas, cuja melhora se observou em especial no segmento das obras públicas e relativamente às empresas de média dimensão.

Contudo, a conjuntura do sector da construção é marcado por sinais contraditórios. A título de exemplo, cite-se o caso das grandes empresas que, por um lado, responderam haver um aumento da respectiva carteira de encomendas (para 10.8 meses), assim como uma menor pressão concorrencial, ao mesmo tempo que, por outro lado, as respectivas perspectivas de produção para os próximos 3 meses se degradaram nuns expressivos 9 pontos percentuais.

Os demais sinais disponíveis não trazem boas perspectivas. Desde logo, o mais recente



AICCOPN

Associação dos Industriais da Construção
Civil e Obras Públicas

relatório do Banco de Portugal, de Julho passado, não é animador para o sector, muito em especial ao rever em baixa as previsões para o nível de investimento que, ao longo de 2003, deverá decair entre 4% a 5%.

Essa tendência é confirmada pelos últimos dados relativos ao licenciamento de construções novas², as quais entre Janeiro e Maio deste ano diminuíram 10.6%, face ao período homólogo. Frise-se, em especial, a redução verificada na região Norte, onde aquela taxa atingiu -16.8%. Isso significa que, nessa região, nos primeiros 5 meses deste ano licenciaram-se menos 1.165 obras do que em igual período de 2002.

Em sintonia com aqueles dados, um que assume especial relevo é o comportamento das vendas de cimento³, cuja trajectória de redução remonta a Agosto de 2002, mas com a agravante de, em Junho de 2003, a taxa de variação homóloga acumulada revelar uma queda substancial, na ordem dos -20%.

É, então, difícil perspectivar a retoma do sector da construção, muito em especial no que concerne ao segmento habitacional, cujas vendas mantêm a tendência de degradação, tendo o indicador associado mantido-se em terreno negativo, na ordem dos -39%. De acordo com os empresários do sector, o ajustamento ao presente ciclo económico far-se-á através da redução do emprego e dos preços praticados no mercado.

A redução dos preços tem sido uma constante ao longo de todo o ano, assumindo-se como uma via para acomodar a insuficiência da procura acusada pelas empresas. Este comportamento visa o escoamento dos *stocks* existentes, relevando para o impacto positivo que a introdução do IVA na construção traria para o mercado, permitindo a redução sustentável dos preços. Sendo essa introdução, antes de mais, uma medida para enquadrar o sector da construção num modelo fiscal compatível com o que vigora nos demais sectores de actividade, teria como consequência inevitável a redução dos preços da habitação.

¹ Indicadores medidos em saldos de respostas extremas (s.r.e.)

² Fonte: INE

³ Fonte: DGEP/Min. das Finanças